

KAMEL, Ali. **Não somos racistas**: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 143 p.

Benalva da Silva Vitorio¹

Por sugestão de um dos meus alunos do curso de Jornalismo, procedi à leitura do livro de Kamel, a fim de debater em sala de aula as implicações da política de cotas para negros no Brasil. Ao concluir a leitura, estava mais firme na minha posição contrária às cotas, mas revi a postura de não aceitar um dos dados no meu registro de nascimento: cor parda. Até então, ao assumir-me como negra, não considerava simplesmente a cor da minha pele, mas a minha ascendência africana e as limitações socioeconômicas em que sempre vivi. A negritude, portanto, funciona como exemplo de superação para alcançar o crescimento intelectual e, conseqüentemente, profissional. Para tanto, como defende o autor, há que se promover o ensino de qualidade no país, em todos os níveis da educação, a todos os brasileiros, independente da cor da pele e da condição econômica.

A obra de Kamel, portanto, contribuiu para reiterar as minhas convicções a respeito das problemáticas levantadas, as quais consegui superar na trajetória de vida e de mundo. Em capítulos “*coalhados de números*”, o autor mostra, com clareza e de forma coerente, a importância de se interpretar os números. Demonstra com propriedade “como as estatísticas têm sido usadas de maneira enviesada, turvando um debate que devia ser cristalino: o nosso problema é a pobreza e não uma suposta desigualdade racial”.

Na seqüência de seus artigos publicados quinzenalmente no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, a partir de 2003, Kamel aprofunda neste livro questões referentes à política de cotas raciais no Brasil, com base na premissa de que “raças não existem” e no país miscigenado há o “*classismo*”, ou seja, preconceito contra os pobres. Trata-se, portanto, da produção de um livro-reportagem, em que o autor tece o que está por materializar-se: “o sério risco de, em breve, ver no Brasil o que nunca houve, o ódio racial”.

Diretor executivo de jornalismo da *Rede Globo* e colunista do jornal *O Globo*, Kamel demonstra, na posição de autor deste livro, a possibilidade de ser “dono da voz e não a voz do dono”, o que nem sempre acontece entre os profissionais da Comunicação Social. No funcionamento discursivo de “*Não somos racistas*”, compreendi os diferentes sentidos de palavras que circulam na sociedade, especialmente na mídia, como sendo iguais. O autor deu-me também o prazer de confirmar o que defendo: a importância de se interpretar os números, pois eles significam, fazem parte do processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos. Como discurso, os números não transmitem apenas informação, constituem efeito de sentidos entre os dois pólos do processo de comunicação: enunciatador e enunciatário.

O título da obra encaminha o leitor para a posição discursiva do autor: brasileiro indignado. A negação funciona como resposta aos que querem dividir o Brasil entre negros e brancos, como esclarece

¹ Jornalista, Doutora em Ciências da Comunicação, Pós-Doutorado em Teoria da Comunicação, Professora da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS.

o subtítulo. A reação, distribuída nos treze capítulos da obra, permite compreender o que somos e como estamos em um país miscigenado, diante de políticas públicas equivocadas e da falta de foco na erradicação dos problemas sociais.

No primeiro capítulo, Kamel explicita “a gênese contemporânea da nação bicolor”, colocando-se “na perspectiva de jornalista”, ou seja, “alguém próximo do cidadão comum, especializado em ver o imediato das coisas”. A partir desse lugar do qual fala, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de executivo de jornalismo de uma organização midiática. Assim funcionam as relações de força, sustentadas no poder dos diferentes lugares no processo de comunicação.

Como jornalista, o autor confessa o seu espanto diante de descobertas, entre as quais “o conceito de negro” na “leitura equivocada das estatísticas oficiais”. Equívoco por considerar negros “todos aqueles que não eram brancos”, omitindo assim a miscigenação em nosso país. Na tessitura do seu discurso, contudo, há fusão entre o jornalista e o cientista social, com análise cuidadosa a respeito da discussão sobre raças no Brasil, recorrendo às idéias de Gilberto Freyre, Oracy Nogueira e Fernando Henrique Cardoso, como sociólogo e como Presidente da República. No capítulo inicial, portanto, encaminha o leitor para “um guia que desmistifica o discurso oficial, procura dar uma leitura correta das estatísticas e tenta mostrar por que os gastos com políticas assistencialistas, paradoxalmente, perenizam a pobreza em vez de superá-las”.

Nos capítulos seguintes, Kamel traça metodologicamente a sua trajetória discursiva para comprovar, com base no “consenso entre os geneticistas, nos últimos trinta anos”, que “raças não existem”. Concordamos com o autor ao considerar a raça como “uma construção cultural e ideológica para que uns dominem outros” e que, em nosso país miscigenado, somos “apenas brasileiros”, constituindo “um arco-íris de cores”.

De forma didática, o autor procede à análise dos números para “demonstrar como se lêem tortamente as estatísticas envolvendo os negros no Brasil”. Dessa forma, chama a atenção do leitor para as estatísticas sobre “a cor dos indivíduos”, porque “os números relativos aos negros englobam sempre os números relacionados aos pardos”. Daí aponta o problema: “definir o

que é pardo”, que sumiu, por exemplo, no sistema de cotas nas universidades públicas, porque, segundo o autor, “todas as estatísticas sobre o assunto se referem a negros, pondo sob o mesmo rótulo também os pardos”.

No transcurso de sua caminhada discursiva, Kamel procura demonstrar, com base nos números, que o racismo “não é um traço dominante de nossa cultura” e a sua manifestação decorre dos mecanismos sociais de exclusão, que provocam vítimas entre as pessoas indistintamente, sejam brancos, negros, pardos, amarelos ou índios. O debate, no seu entender, deve focar a pobreza e não “a suposta desigualdade racial”. Nesse sentido, aponta o principal mecanismo de reprodução da pobreza: “a educação pública de baixa qualidade”. Concordo plenamente com a sua justificativa de que “sem estudo, não há trabalho, não há emprego, não há bons salários”. Acrescento, no entanto, que o estudo deve ser proporcionado em boas escolas, com ensino eficiente para todos os brasileiros.

Ao trilhar o caminho árido dos dados estatísticos, Kamel ameniza o percurso e aborda o ponto que considero fundamental em sua obra: a questão das cotas para acesso ao ensino superior. Concordo com o que demonstra, por meio da comparação a partir dos números, “que não mentem, mas enganam quem não os quer ler sem preconceitos”. A questão não está na cor da pele para entrar na universidade, mas na péssima qualidade das escolas que os alunos freqüentam. Daí o repúdio às cotas raciais e sociais, “porque não é a condição de pobre (e negro) que impede os cidadãos de entrar na universidade, mas o péssimo ensino público brasileiro”.

Depois de analisar criticamente a falta de foco e de controle na política pública, a estratégia eleitoral nos programas assistencialistas do governo, Kamel revela o seu otimismo, acreditando em “solução”, em “caminho de volta”, desde que haja manifestação daqueles que, como ele, acreditam “que uma nação misturada, miscigenada, colorida, sem espaço para diferenças de ‘raça’ é ainda muito superior a uma nação multiétnica, mas que vive de nariz tampado”.

Recebimento: 12/02/2007

Aceite: 26/02/2007